

Seus olhos, dois rios

Your eyes, two rivers

*Laura Santos de Souza**

Estávamos sentados à beira do rio que corre perto de nossa casa. Eu fazia o desenho de nossos nomes na areia seca. Vovó olhava para o infinito como se do outro lado houvesse alguma resposta. Ela começou a me falar de sua vida, sua infância, seus pais, de todas as idas e vindas que constituíam a história de nossa família. Das tantas vezes em que precisou se mudar, de quando atravessou as turbulentas águas de uma correnteza, agarrada apenas pelo rabo de um boi. Sua mãe gritando para ela “não largue!”. A sensação de vitória ao chegar do outro lado da margem. De como, dentre todas as incertezas, a única verdade que conhecia era a perseverança de seus pais.

Vovó tentava me explicar que casa não era um lugar, mas, sim, a sensação de ser amado por alguém. De como, quando seus pais se foram, ela perdeu um pouco esse endereço. Por um lado, eu conseguia entender bem o que ela me dizia porque, em seu colo, eu sentia algo como uma sensação de segurança, de poder respirar em paz. Mas por outro, o porquê de ela me dizer tudo isso não fazia sentido nenhum para mim. Estávamos vivendo a calma de uma vida em comunidade, onde nada nos faltava. Em minha cabeça infantil, nossas vidas estavam completas e não poderiam ser melhores. A verdade do porquê ela me disse tudo isso, eu só compreenderia plenamente anos depois. Na noite daquele mesmo dia, nossa casa foi incendiada por homens mandados pelo coronel Virgílio.

Meus pais acordaram na madrugada com o laranja ardente do fogo consumindo nossos telhados. Assustados, correram para o quarto onde eu dormia com minha avó. Me pegaram pelo colo, mamãe saiu primeiro comigo para fora da casa, sem levar mais nada. Minha vida era a única coisa que cabia em suas mãos. As chamas subiam rapidamente, e era quase impossível enxergar com toda a fumaça. Meu pai demorou o que naquele

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/UFPE). Mestre em Estudos da Mídia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEM/UFRN). Jornalista e Radialista (UFRN).

momento pareceu uma eternidade, ao sair pela porta de entrada, estava só. “Onde está a vó?”, eu gritava, sem respostas, eles se olhavam apenas com uma dor silenciosa.

Vó Naninha ficou para trás. Não sei ao certo o que aconteceu no breve eterno momento entre a nossa saída e sua permanência. Meu pai nunca me contou, não sei se ele preferia não falar para que a culpa não penetrasse em seus ossos. Algo dentro de mim me diz que ela escolheu ficar. Talvez porque nossas memórias estavam todas ali. As poucas fotografias de toda uma vida. As mobílias construídas com suor e muito trabalho. O lugar que pensávamos ser a nossa casa definitiva. Continuo a pensar que ela me disse todas aquelas coisas porque, ao contrário dela, eu não deveria olhar para trás.

Os vizinhos tentavam ajudar, enchiam baldes com água do rio e jogavam o mais próximo que conseguiam. De nada adiantava, era uma batalha perdida contra o poder avassalador do fogo. Os capangas apenas olhavam, com a certeza de terem cumprido as ordens do coronel. Quando nada mais restou no espaço que antes era nosso lar, eles foram embora. Eu passei a temer o fogo, só de chegar perto de um fogão à lenha minhas pernas tremiam. Até que minha mãe me disse “não foi a natureza que fez isso com a gente, foi o homem”.

Passamos algumas semanas sendo acolhidos no sítio de nosso amigo mais próximo, Maciel. Dormíamos espremidos no antigo quarto de sua filha, que havia se mudado há pouco para a capital. Embora gratos, aquelas circunstâncias nos deixavam impotentes. Sem saber qual próximo passo tomar. Papai só conseguia pensar em vingança, calculava todos os possíveis cenários em que o coronel pudesse estar sozinho. Rapidamente minha mãe conseguia fazê-lo mudar de ideia, bastava olhar para mim. Dadas as condições em que vivíamos, mamãe tomou a decisão mais difícil por nós, deveríamos partir daquele lugar.

A verdade é que a nossa vida estava insustentável sob as ameaças constantes que recebíamos da Casa Amarela, lugar onde o coronel residia. Não só a nossa vida, mas a de toda nossa comunidade. Fomos o exemplo escolhido para uma lição mais profunda. Plantávamos e colhíamos, caçávamos e dividíamos entre nós o sustento. Nossos quintais eram abertos e conectados uns aos outros. Não havia fechaduras entre nós. Essa forma de vida, em que vivíamos perfeitamente ajustados uns aos outros, ameaçava o poder do coronel. Ele queria que dependêssemos dele. Queria que até mesmo o rio prestasse obediência a ele.

Talvez seja difícil de acreditar, mas o estopim para tamanha violência foi o dia em que um de nossos animais passou a cerca que fica ao redor de seu terreno. O único terreno cercado nas proximidades. O bode comeu um pouco de mato e foi o suficiente para o início de um pesadelo maior.

Poucos dias antes do incêndio, coronel Virgílio tentou fazer uma emboscada para meu pai. Um ato de covardia, veio conversando com ele pela frente enquanto um de seus capangas chegava por trás, de mansinho, feito cobra se arrastando no deserto. Seu feito não teve sucesso porque, na mesma hora, alguns homens de nossa amizade estavam voltando do trabalho com as enxadas nas costas. Papai passou a ficar em estado de alerta. Mas nunca imaginamos que seria durante o nosso sono o seu ataque fatal.

Partimos para a cidade grande em cima de um pau-de-arara por, pelo menos, dois terços do caminho. O restante da viagem foi a pé, na estrada, esperando a sorte de uma carona. Conseguimos, por fim, após algumas horas. O irmão do meu pai, tio Laurentino, já havia recebido uma carta sobre a nossa chegada. Sua resposta foi curta, porque, quanto mais longa, mais caro sairia “onde eu estiver, você sempre terá um lugar para ficar”. Ele morava em um quartinho pequeno, não existia separação de um cômodo para outro, o banheiro ficava do lado de fora e era usado por todos. Embora em teoria parecesse similar ao tipo de vida que levávamos no campo, na prática em nada se parecia. Todos viviam no limite de suas humanidades. A pobreza era tamanha que, em alguns momentos, precisamos pular uma refeição para ter o que comer na próxima. Eu pensava na minha avó todos os dias, sentia falta do nosso rio.

Nessa angústia de uma vida atropelada pela agitação da cidade, eu mal conseguia frequentar a escola. Foi com dificuldade que terminei os estudos. Eu engraxava sapatos para sobreviver, conseguia levar algumas moedas para a mesa de casa. Doze anos se passaram e nossas vidas pareciam as mesmas. Até que um dia, um homem diferente dos meus clientes habituais se sentou para engraxar os sapatos comigo. Ele estava carregando uma bolsa com algo volumoso, meus olhos curiosos não conseguiam deixar de ser atraídos para ela. Um magnetismo muito grande tomou conta de mim. Tive receio de ele pensar que eu estava interessado em roubá-lo, então me controlei ao máximo para evitar olhar.

O homem não demonstrou nenhum incômodo, e, gentilmente, me perguntou se eu gostaria de ver o que havia em sua bolsa. Sua voz era grave e bonita, mas seu sotaque demonstrava que ele não era daqui. Ele abriu sua misteriosa bolsa e retirou dela o que eu descobri vir a ser uma câmera fotográfica. Alberto me explicou que morava no país há dez anos, que havia sido forçado a migrar de seu lugar por causa da violência que assolava a sua vila. De certa forma, nossas histórias eram um pouco parecidas, isso fez nascer uma cumplicidade entre nós. Contamos nossas vidas um para o outro. O tipo de violência que ele presenciou estava em outra esfera, seu país vivia uma guerra civil, e militares, obedientes a um ditador, perseguiram o seu povo, sua única saída era fugir. Quando contei do coronel Virgílio, ele me disse que era mais ou menos assim que um ditador era.

Alberto era cerca de vinte anos mais velho do que eu, não tinha filhos. Por causa da fotografia, conseguiu estabilidade para viver com sua esposa. Penso que ele, de alguma forma, me adotou no momento em que nos conhecemos. Ele passou a frequentar a nossa casa e não se sentia nem um pouco desconfortável com o seu tamanho. Se tornou também grande amigo do meu pai e meu tio, com quem discutia política e problemas sociais por longas horas. Sua esposa e minha mãe, inseparáveis, partilhavam igualmente suas ideias e desejos de mudança.

“Quem parte sempre pensa como seria voltar para casa”, ele me disse um dia. Eu concordei, mesmo que minhas memórias estivessem cada vez mais distantes de mim. A única imagem perfeita em minha mente era o rosto de vovó em direção ao meu. Seus olhos, dois rios a se misturar com as águas à nossa frente. As pessoas sempre falam da água como um azul intenso, mas quem conhece um rio de perto sabe como é mergulhar em sua escuridão. Os olhos de vovó eram escuros e vivos como as águas de um rio.

Aprendi a manusear a câmera com a ajuda e paciência de Alberto, aos poucos fui melhorando como fotógrafo. Ele me convidou para ser seu assistente e, com o passar do tempo, eu tive a liberdade de assumir trabalhos sozinho. Muitas vezes, precisávamos viajar por semanas em decorrência do ofício, uma das razões pelas quais ele incentivou minha independência. Prestávamos serviços para alguns jornais, as reportagens mais longas exigiam muito de nós. Física e emocionalmente. Fotografar foi a forma que encontrei de contar minha própria história.

Foi em uma dessas viagens que regressei ao lugar do qual fomos embora quando eu era criança. O nome era outro, por isso não reconheci imediatamente. Mas o rio estava lá, suas águas com o mesmo movimento cadenciado de que me lembrava. A Casa Amarela já não existia mais, ao menos não como eu a conheci. O coronel havia morrido de tuberculose, como não deixou filhos, sua esposa assumiu os negócios. E por ter sido silenciada por toda uma vida, não sabíamos o quão indiferente ao seu marido ela era. Dona Margarida era neta de Seu Tião, um dos fundadores da nossa comunidade, ela foi arrancada de sua família para o matrimônio forçado. Apenas os mais velhos sabiam disso, era uma tortura enorme para o pobre Tião ser lembrado todos os dias. Foi só com a morte do coronel que ela pôde retomar o sonho do avô.

A vida ali parecia ainda melhor do que quando parti. Me sentei à beira do rio e olhei para o mesmo infinito que vovó olhava em nosso último dia juntos. Por um instante, vi uma criança, sua mãe e um boi do outro lado da margem. A criança me deu tchau e eu chorei. Naquele instante, fui inundado por uma única certeza: era hora de voltar para casa.